

ANO DA UNIDADE NACIONAL PARA A ALTERNÂNCIA DO PODER

JORNAL O GALO

TOMADA DE POSSE

Irina Diniz e outros quadros do partido tomaram posse como estratégia de reforço a província de Luanda e no âmbito da inclusão de todos os patriotas na luta pela alternância.



A UNITA É A BÚSSOLA

À luz do ensinamento do Fundador, o Dr. Jonas Malheiro Savimbi, aprendemos que a luta mais nobre é aquela travada em nome da dignidade, da justiça e da liberdade. O seu legado não é estático – é chama viva que nos guia, que nos chama à responsabilidade e nos inspira a nunca desistir da Pátria. Por isso, neste tempo sejamos cada vez mais união, mais acção, mais consciência.

**CADA ETAPA
DE LUTA EXIGE
UM
PENSAMENTO
ADEQUADO.**



Avante,
patriotas. A
bússola está
firme. O rumo
está traçado. A
missão é servir
Angola.

CONTROVÉRSIAS DO MPLA

POR LOURENÇO LUMINGO

Nos últimos tempos, muito se tem falado sobre a Frente de Libertação do Estado de Cabinda, Forças Armadas de Cabinda - FLEC FAC. Os ataques perpetrados por este grupo, que reivindica a independência do Estado de Cabinda, são visíveis e notórios. Contudo, o Governo angolano, liderado pelo cidadão João Lourenço, Presidente da República de Angola e do MPLA, insiste em negar a realidade, chegando ao cúmulo de afirmar que a FLEC já não existe.

Esta negação absurda surge justamente num momento delicado em que a UNITA submeteu à Assembleia Nacional uma proposta de resolução para um cessar-fogo imediato em Cabinda por outro, a própria FLEC anunciou, de forma pública e inédita, um cessar-fogo de dois meses, num gesto claro de boa fé, esperando pelo desfecho do debate na assembleia nacional.

No entanto, em vez de aproveitar essa oportunidade para iniciar um processo de diálogo sério, maduro e responsável, o governo optou por mais um espetáculo vergonhoso, apresentou, nas suas TPA's 1, 2 e 3 alguns supostos "dissidentes" da FLEC, que alegam ter abandonado a luta por maus-tratos. Ora, quem realmente sofre de maus-tratos, estava a passar por miséria profunda, não pode surgir de fato e gravata, bem alimentado e ensaiado. Diante desta encenação, a pergunta impõe-se. Se o governo defende com tanta convicção que a FLEC já não existe, de onde surgem então estes "dissidentes"? Essa encenação não revela apenas desespero político, mas uma estratégia deliberada de manipulação. O governo está, sem dúvida, a tentar camuflar a realidade do conflito em Cabinda, iludindo os angolanos e a comunidade internacional com encenações e desinformação.

Mais grave ainda é a resistência contínua e teimosa ao diálogo. O que impede o governo do MPLA de sentar à mesa com representantes da FLEC? Medo de reconhecer erros históricos? Arrogância do poder? Ou simplesmente desprezo pela vida e sofrimento do povo cabindense? A recusa em dialogar é uma opção consciente pela violência, pela instabilidade e pelo prolongamento do conflito. A postura do Executivo é não só irresponsável, mas também criminosa. Ao ignorar os apelos por diálogo, o governo legitima a continuação do conflito, a morte de inocentes e o sofrimento de milhares de famílias. Alimenta-se o ciclo de exclusão, repressão e marginalização, ignorando completamente as causas profundas do problema de Cabinda, a falta de justiça, de desenvolvimento sustentável e de inclusão política real. A paz não se impõe e nem se decreta em conferências de imprensa. A paz constrói-se com humildade, escuta ativa e vontade política. O futuro de Cabinda não pode ser definido por quem se recusa a reconhecer o passado e ignora o presente. Fingir que a FLEC já não existe é fingir que o povo de Cabinda não sofre. E isso é, no mínimo, uma desumanidade. Se o governo continuar a encobrir a realidade e a recusar o diálogo, estará a empurrar Cabinda para um abismo ainda maior. Um conflito que poderia ser resolvido politicamente, com maturidade e respeito mútuo, poderá transformar-se numa ferida irreparável para a história de Angola. Outrossim, no dia 13 de Abril do corrente ano, a FLEC FAC alertou a comunidade internacional para esta tentativa do governo de João Lourenço manipular a opinião pública e de criar uma falsa imagem de desmobilização voluntária e integração das forças Cabindesas, enquanto continua a recusar qualquer diálogo sério e inclusivo sobre o conflito em Cabinda.

A UNITA É BÚSSOLA



E uma bússola não se deixa levar pelo vento – ela aponta sempre na direção certa, mesmo quando tudo à volta parece confuso ou em tempestade. Ser UNITA é ter um norte. É saber para onde vamos, mesmo quando o caminho é longo e desafiante.

Somos a União Nacional. E isso não é apenas um nome – é um compromisso. É a marca de quem escolheu unir em vez de dividir, erguer em vez de destruir, escutar em vez de silenciar. A União Nacional diz tudo do que somos: uma força que nasce do povo e para o povo, com raízes profundas na história e olhos firmes no futuro.

À luz do ensinamento do Fundador, o Dr. Jonas Malheiro Savimbi, aprendemos que a luta mais nobre é aquela travada em nome da dignidade, da justiça e da liberdade. O seu legado não é estático – é chama viva que nos guia, que nos chama à responsabilidade e nos inspira a nunca desistir da Pátria.

Por isso, neste tempo sejamos cada vez mais união, mais acção, mais consciência.

Avante, patriotas. A bússola está firme. O rumo está traçado. A missão é servir Angola.

O CORREDOR DO LOBITO E OS INTERESSES GEOPOLÍTICOS DAS GRANDES POTÊNCIAS

POR LUKAMBA GATO

À luz do contexto económico e geopolítico actual, no plano global, acredito que o Corredor do Lobito é em definitivo, um projecto para ser implementado, por encerrar grandes desafios no quadro das disputas geopolítica, sobretudo entre os Estados Unidos da América e a República Popular da China.

O Corredor do Lobito, na sua configuração e extensão máxima, pode de facto criar um importante eixo de ligação Leste-Oeste no continente africano, conectando o porto de Dar-es-Salaam, na Tanzânia, ao porto do Lobito, passando por países como Malawi, Zâmbia e RDC. Isso facilitaria o escoamento de minérios, principalmente cobre, cobalto e outros minerais críticos, alimentos e outros produtos, além de integrar melhor os mercados da África Austral.

Afinal, qual o interesse dos americanos neste projecto:

1. Competição estratégica com a China: Nas últimas décadas, a China tem investido massivamente em infraestrutura no continente africano. O Corredor do Lobito é uma oportunidade para os EUA e seus aliados europeus oferecerem uma alternativa viável e financeiramente sustentável a esses países, reduzindo a dependência africana da China.

2. Acesso a minerais estratégicos: Angola, RDC e Zâmbia são grandes produtores de minerais essenciais para o fabrico de baterias para veículos elétricos, painéis solares e outros equipamentos de energia limpa.

Os EUA querem garantir acesso e diversificar suas fontes de abastecimento desses recursos, sem depender tanto da China.

3. Nova geopolítica das rotas comerciais: Ao tornar o Corredor do Lobito e o porto de Dar-es-Salaam rotas viáveis para exportação, cria-se uma alternativa ao Canal de Suez e à Rota do Cabo, ambas vulneráveis a crises regionais como a do Yemen, por exemplo.

4. Estabilidade e influência regional: Investir em infraestruturas pode fortalecer a posição de governos considerados parceiros estratégicos dos EUA na África Austral, promovendo estabilidade, desenvolvimento e afastando o risco de domínio exclusivo chinês ou russo na região.

Resumindo e concluindo, o projeto do Corredor do Lobito é complementar a outras grandes rotas, mas o interesse americano está enraizado sobretudo em estratégia geopolítica, disputa por recursos críticos e jogos de influência com a China.

As mulheres têm espaço garantido na
Nossa UNITA! As guerreiras recém-
empossadas são a prova viva de que a
pátria chama por nós – é tempo de erguer
a voz, unir forças e servir com coragem e
determinação. Juntas, somos parte da
mudança que Angola merece!



FUTURO DA INTERNET EM ÁFRICA: CORTE OU CENSURA

POR ILIDIO MANUEL

Em 2017, Pedro Guerreiro, jornalista do diário português PÚBLICO, previu um cenário catastrófico para o continente africano em relação à internet, mais concretamente no que dizia respeito à forma como os regimes de cariz autocrático iriam lidar com esta tecnologia que veio revolucionar a vida de milhões de pessoas.

Para ele, em África abriam-se dois cenários: o corte ou a censura da internet. E Angola acaba, ou está em vias, de lhe dar razão.

Escrevia o editor do PÚBLICO, “Em África, nos últimos meses [2017], o corte da Internet tem sido empregue mais frequentemente como uma ferramenta de controlo e punição: durante as presidenciais gambianas em Dezembro; no rescaldo das eleições gabonesas em Setembro; na mais recente crise política na República Democrática do Congo ou durante a sangrenta repressão aos protestos da etnia oromo na Etiópia. E quando não se corta a Internet, torna-se o seu uso incomportável”.

Pedro Guerreiro não ficou por aqui: “No Zimbabué, por exemplo, os preços dos serviços de dados móveis dispararam recentemente, deixando na prática milhões de pessoas offline.

Nos Camarões, ninguém sabe por quanto mais tempo as regiões de línguas inglesas permanecerão desconectadas”. Citando o jornal norte-americano o New York Times, com base em fontes diplomáticas na capital camaronesa, dizia o editor do jornal que “o blackout continuará activo enquanto o regime de Mbiya aguarda por uma solução tecnológica de fabrico chinês que permitirá filtrar conteúdos considerados impróprios”. Será que o projecto “policizador” de inspiração chinesa foi posto em prática naquele país?

As eleições recentemente disputadas em Moçambique foram mais uma prova no sentido da materialização do prognóstico de Guerreiro. Uma vez mais, na tentativa de controlar a celeridade da comunicação entre os cidadãos que contestavam os resultados, o regime optou por proceder a um corte da internet.

É neste âmbito que podemos também enquadrar a recente proposta de Lei contra a Disseminação Fake News nas Redes Sociais elaborada pelo Ministério da Comunicação Social.



Trata-se, na realidade, de mais uma lei que está na forja e que visa coartar e cercear a liberdade de expressão num dos poucos espaços disponíveis e arejáveis onde os cidadãos podem exprimir livremente as suas ideias, depois de o Estado ter tomado o controlo editorial de todos ou a quase todos os órgãos de comunicação social, por via do oligopólio comunicacional.

É mais um instrumento repressivo que se pretende colocar à mão do poder, desnecessário, porque já existe legislação abundante que pune os excessos e abusos de liberdade de expressão e imprensa no espaço público, já respaldada nos Códigos penal e civil, respectivamente.

FAKE NEWS É O FORTE DO REGIME

Em regimes autoritários, onde o Estado controla os meios de comunicação tradicionais – jornais, rádios e televisões –, as redes sociais tornam-se muitas vezes o único espaço onde a população pode buscar informações alternativas, denunciar abusos e organizar resistências. É o caso de Angola, onde o governo do MPLA, no poder há décadas, mantém um forte domínio sobre a imprensa, sufocando vozes dissidentes.

Nos últimos anos, porém, autoridades angolanas têm justificado a repressão à liberdade de expressão sob o pretexto de combater fake news (notícias falsas). Leis ambíguas e amplas são usadas para criminalizar jornalistas, activistas e opositores, classificando como "desinformação" qualquer crítica ao governo. Essa estratégia visa não apenas silenciar a oposição, mas também confundir a população, fazendo com que todas as denúncias contra o regime sejam tratadas como mentiras.

Como os cidadãos podem combater a desinformação?

O que são fake news?

Fake news são informações falsas ou distorcidas, criadas e disseminadas deliberadamente para enganar o público, manipular opiniões ou causar confusão. Em contextos políticos, elas são frequentemente usadas para:

- Criminalizar opositores, associando activistas e partidos da oposição a crimes sem provas.
- Desviar a atenção de escândalos governamentais, criando narrativas falsas sobre adversários.
- Semear o medo na população, fazendo-a duvidar de qualquer fonte de informação independente.

1. Verificar a fonte – Quem publicou a notícia? É um veículo confiável ou um perfil anônimo?

2. Conferir factos – Procurar se outras fontes independentes confirmam a informação.

3. Desconfiar de manchetes sensacionalistas – Notícias falsas muitas vezes usam linguagem exagerada para provocar reações emocionais.

4. Denunciar contas falsas – Plataformas como Facebook e Twitter permitem reportar perfis que espalham desinformação.

5. Apoiar o jornalismo independente – Valorizar veículos que fazem checagem de fatos e investigações sérias.

Em países como Angola, onde a democracia é frágil e a censura avança, a luta contra fake news não pode ser usada como desculpa para calar a sociedade civil. A verdadeira desinformação é a que vem do poder, tentando fazer crer que resistir é crime. Aos cidadãos, resta a vigilância, a solidariedade e a coragem de não se calar. **Porque, numa ditadura, a primeira vítima sempre é a verdade.**

O país atravessa uma fase crucial da sua história. Sem unidade, corremos o risco de fortalecer, involuntariamente, um regime que se perpetua no poder à margem das regras democráticas. É urgente aprimorar as formas de lutas democráticas com estratégia e determinação. Cada cidadão consciente é um pilar essencial nesta jornada. Só com compromisso coletivo conseguiremos pôr fim à impunidade e construir um futuro verdadeiramente democrático para o nosso país.



BIOGRAFIA

Armando Kaquepa Manuel, conhecido como "Nação" ou "BTR", é uma figura destacada na história da UNITA e das FALA (Forças Armadas de Libertação de Angola), tendo participado ativamente na luta política e militar desde a juventude. Sua trajetória é marcada por determinação, resistência e lealdade ao partido, mesmo nos momentos mais críticos.

Principais Marcos de Sua Trajetória:

1. Nascimento e Início da Luta (1979-1983)

- Nasceu em 1979 na Região 50, no Castelo/Cubal do Lumbo, na localidade do mais velho ChiKeyeye, uma figura de elite do partido.
- Desde cedo, demonstrou espírito combativo, ingressando nas FALA em 1983, na Zona 3 Oeste (Coluna Onça das Montanhas), onde enfrentou resistência até mesmo de familiares para seguir na linha de frente.

2. Combates e Sacrifícios (1984-1985)

- 1984 (Bailundo): Testemunhou a queda de seu mentor em combate, assumindo a arma e continuando a luta.
- Operação Mensagem (Huambo): Participou de intensos confrontos, vendo camaradas tombarem nos eucaliptos da Chianga.
- Caminho para a Jamba (Dez/1984): Sobreviveu à dura travessia do Chimpolo, onde muitos jovens sucumbiram à sede.
- Treinos na Jamba (1985): Destacou-se no BI (Centro de Instrução), sendo posteriormente enviado ao CENFIN por decisão do Dr. Jonas Savimbi.

3. Formação e Liderança no CENFIN (1985-1992)

- Tornou-se uma referência no CENFIN, destacando-se nos estudos e na disciplina, sendo chamado de "BTR" ou "Nação".
- Integrou o grupo de 12 jovens liderados por Américo Chivukuvuku para fundar um novo CENFIN em Kapembe, enfrentando fome e adversidades.
- Na BRIMA Alavanca, conviveu com figuras como Pina Cabral, Lito Mário, Feto Yeto, Quipombo, Dito, Professor Chipindo Bonga, Chico Jamba, Abel Kupessala e Abílio Kaunda, consolidando sua reputação como implacável.

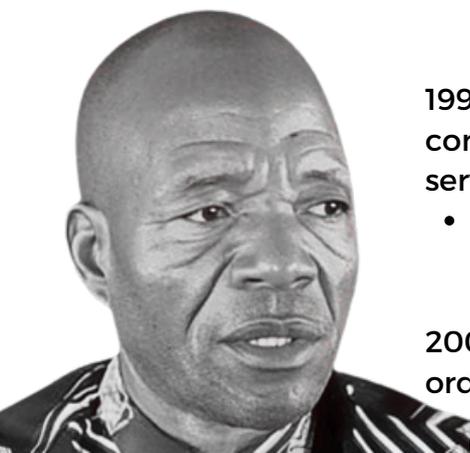
4. Guerra e Pós-Guerra (1992-2002)

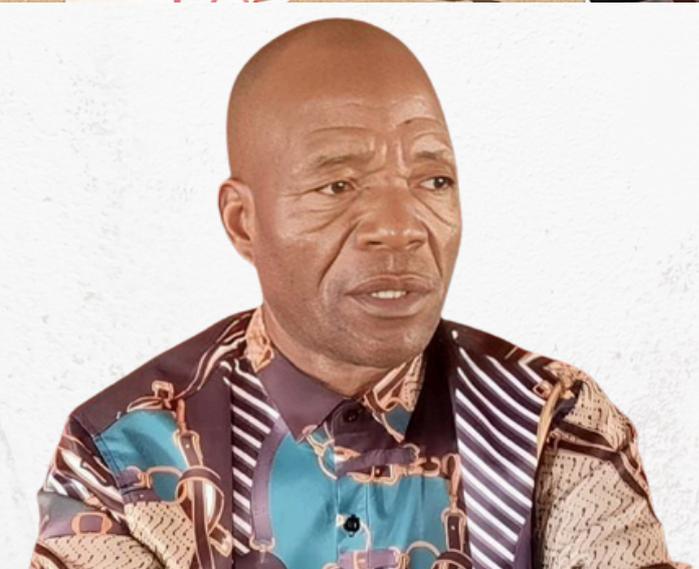
- 1992: Atuou como Delegado de Lista em Santa Clara (Cunene), enfrentando os conflitos pós-eleitorais.

1993: Participou de treinos militares na Base do Ongue (Cunene), sob comando do General Chiwale e do Coronel Kopitule (já falecido), servindo como logístico.

- 1993-2000 (Huila): Conhecido como "Cumpra-se", foi emprestado às Forças Armadas para ministrar aulas políticas na BIL do Coronel Kossengue.

2000-2002 (Zona 1 COP-HBO): Liderou 85 jovens em missão crítica, sob ordens do General Kibidy e do Coronel Meny.





1. Atuação Política e Resistência (2002-2017)

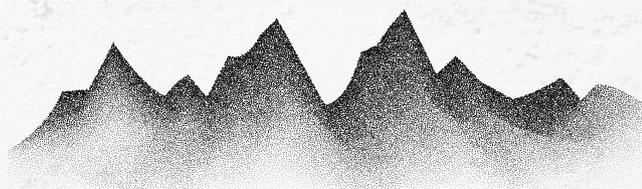
- 2002-2004: Enfrentou intolerância política em Vila Nova e Cachiungo, mantendo-se firme.
- 2006-2009: No Executivo Provincial da JURA (Huambo), sofreu agressões físicas (inclusive fratura no braço), mas permaneceu implacável.
- 2009-2017: Assumiu funções de liderança na UNITA, como:
 - Adjunto da Organização Provincial (com o Coronel Vatutuva).
 - Coordenador da Região Eleitoral do Município Sede (Huambo).
 - Secretário Municipal do Huambo e Secretário Provincial Adjunto.
 - Em 2017, foi nomeado Secretário Provincial do Cuanza-Sul pelo Presidente Samakuva.

2. Formação Acadêmica e Legado

- No ISPSN (Huambo), cursou História, sendo Delegado de Turma e mantendo notas inquestionáveis, com o respeito de professores e colegas.
- Atualmente no Cuanza-Sul, continua sua missão com a mesma determinação de sempre.

Conclusão:

Armando Kaquepa Manuel é um símbolo de resistência e lealdade à causa da UNITA, tendo enfrentado guerras, perseguições políticas e desafios extremos sem nunca recuar. Seu apelido, "Implacável", define não apenas sua história, mas seu caráter inquebrantável.





TRÊS DIAS DE GREVE DE FOME EM PLENO ANIVERSÁRIO

Benguela, 15 de Abril – Sob o sol inclemente da Rotunda da Cruz Vermelha, em Benguela, um jovem activista decidiu transformar seu aniversário num acto de protesto silencioso, porém eloquente. Branceslau Wasuka, de semblante sereno mas firme, passou três dias em greve de fome, não por falta de pão para si, mas por ver tantos outros a definhar sem ele.



A sua motivação? A realidade crua que muitos angolanos enfrentam diariamente: desemprego, escolas sem condições, hospitais sem recursos e uma exclusão que parece perpetuar-se, mesmo após 50 anos de independência e 23 anos de paz oficial. "Não há motivo para celebrar o meu aniversário num país onde crianças dormem com fome", disse Wasuka, enquanto observava meninos de rua que circulavam pela rotunda, muitos deles descalços e com olhares perdidos. O protesto do jovem activista não foi apenas um gesto simbólico, mas um apelo directo ao Governo, liderado pelo Presidente João Lourenço, para que priorize políticas públicas que combatam a miséria estrutural. "Como é possível que, em pleno século XXI, ainda morramos de cólera e malária, doenças já controladas noutras partes do mundo?", questionou, com voz embargada de indignação.

Wasuka não acredita em promessas vazias. O que ele exige são acções concretas: programas de inclusão social, oportunidades para os jovens e, acima de tudo, dignidade para os mais vulneráveis. "Esta greve foi para lembrar aos governantes que há pessoas a sofrer enquanto eles discutem números em gabinetes com ar condicionado", afirmou.

Apesar da solidão do protesto – sem grandes multidões ou holofotes mediáticos –, a mensagem de Branceslau ecoa como um desafio à consciência colectiva. Enquanto o país celebra marcos históricos, há quem questione: independência para quê, se ainda há quem morra de fome? Paz para quê, se a injustiça social permanece intocada?

No final dos três dias, Wasuka encerrou a greve, mas não a luta. "Isto não é o fim, é só o começo", avisou. E enquanto se levantava, fraco mas determinado, deixava uma pergunta no ar: Quantos mais terão de passar fome para que Angola acorde?

